

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Pedro Henrique da Silva Heim

A POLÍTICA EXTERNA DE LULA ATRAVÉS DO CAFÉ COM O PRESIDENTE (2003-
2006)

Porto Alegre
Primavera de 2021

Pedro Henrique da Silva Heim

A POLÍTICA EXTERNA DE LULA ATRAVÉS DO CAFÉ COM O PRESIDENTE (2003-
2006)

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciado em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Brandalise

Porto Alegre
Primavera de 2021

CIP - Catalogação na Publicação

Heim, Pedro Henrique da Silva
A política externa de Lula através do Café com o
Presidente (2003-2006) / Pedro Henrique da Silva Heim.
-- 2021.
48 f.
Orientadora: Carla Brandalise.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. História do Tempo Presente. 2. Política Externa
Brasileira. 3. Lula. 4. Café com o Presidente. I.
Brandalise, Carla, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Carla, pelos (novos) ensinamentos, e à banca, pela gentileza.

Agradeço também a todos aqueles citados em outros tempos, por existirem ou por terem existido.

Agradeço ainda aos cientistas, pelas vacinas.

Agradeço, como escreveu um amigo, ao pedaço de Brasil que ajuda a sustentar o ensino público de qualidade sem desfrutar do acesso ao mesmo.

Agradeço principalmente à Rafa, pela sinergia.

Talvez o mais importante de tudo é que praticamos uma política externa ativa e ativa, na qual o povo brasileiro se reconhece.

Celso Amorim

E eu me pergunto se, há cerca de cinquenta anos, já se achou necessário e cabível pedir a um brasileiro que ele fizesse o mural “Guerra e Paz”, não tendo nós sofrido as agruras da guerra como os habitantes de tantos outros países, se isso não significa que há no mundo uma expectativa sobre a nossa capacidade de contribuir para a paz. [...] Muitas vezes nós ouvimos dos nossos críticos: “por que o Brasil está se envolvendo no Oriente Médio?”, “o Brasil já tem tantos problemas internos”, ele já os tinha há cinquenta anos, quando vieram pedir a um grande pintor brasileiro que representasse com a sua magia de cores a tristeza da guerra e a alegria da paz. E eu acho que a diplomacia tem um papel nisso, não pode deixar de ter um papel nisso. É o papel mais importante que temos. Todos os outros, mesmo trabalhar para o desenvolvimento, se tornam impossíveis se não tivermos um ambiente de paz. Por isso, o Brasil tem e terá cada vez mais uma presença no cenário internacional.

Celso Amorim

RESUMO

O presente texto tem por objetivo analisar de que modo o Presidente Lula e sua equipe procuraram retratar a política externa adotada durante o primeiro mandato de seu governo através do programa de rádio Café com o Presidente. Para tentar compreender como essa temática foi abordada na época, em termos de linguagem e discurso, o quanto ela apareceu dentre outras pautas e quais foram os principais tópicos específicos ressaltados pela abordagem midiática, foram pesquisadas as transcrições do programa de rádio em questão. Criado ainda no primeiro ano do governo, o Café com o Presidente acompanhou Lula e sua agenda política durante quase todo o período em que presidiu o Brasil, representando importante e pouco analisada fonte. O trabalho demonstra que foi concedido grande espaço ao tema, com ênfase no crescente reconhecimento diplomático do país na época e discurso voltado a simplificar os assuntos ao grande público, buscando demonstrar os benefícios das ações adotadas para a população.

Palavras-chave: História do Tempo Presente; Política Externa Brasileira; Lula; Café com o Presidente.

ABSTRACT

This text aims to analyze how President Lula and his team sought to portray the foreign policy adopted during the first term of his government through the radio program *Café com o Presidente*. To try to understand how this theme was approached at the time, in terms of language and discourse, how much it appeared among other topics and what were the main specific topics highlighted by the media approach, the transcripts of the radio program were researched. Created in the first year of the government, the *Café com o Presidente* followed Lula and his political agenda during almost the entire period in which he presided over Brazil, representing an important and little analyzed source. The work demonstrates that great space was given to the theme, with an emphasis on the growing diplomatic recognition of the country at the time and a discourse aimed at simplifying matters for the general public, seeking to demonstrate the benefits of the actions taken for the population.

Keywords: History of the Present; Brazilian Foreign Policy; Lula; *Café com o Presidente*.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 PANORAMA | 12 |
| 2.1 O Presidente | 12 |
| 2.2 A Política Externa..... | 15 |
| 2.3 O Café | 21 |
| 3 A POLÍTICA EXTERNA NO CAFÉ COM O PRESIDENTE..... | 25 |
| 3.1 O quanto ela aparece..... | 25 |
| 3.2 O que dela aparece | 28 |
| 3.3 De que modo ela aparece | 34 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 40 |
| 5 REFERÊNCIAS | 42 |
| 5.1 Fontes..... | 42 |
| 5.1.1 Transcrições do Café com o Presidente..... | 42 |
| 5.1.2 Outros documentos | 43 |
| 5.2 Bibliografia..... | 45 |

1 INTRODUÇÃO

Em abril de 2021, o plenário do Supremo Tribunal Federal declarava a anulação das condenações que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva acumulara no âmbito da Operação Lava Jato, sancionando decisão monocrática anterior do ministro Edson Fachin e chancelando a retomada dos direitos políticos pelo petista¹. Com isso, o pernambucano de família humilde que ganhou projeção nacional como líder sindicalista durante a Ditadura Civil-Militar voltou de vez aos holofotes da imprensa e imediatamente teve seu nome alçado ao posto de principal concorrente de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022. Confirmando-se essa tendência, Lula se candidatará para voltar a ocupar o cargo que exerceu entre 2003 e 2010.

Uma das principais lideranças do processo de redemocratização brasileiro e fundador do Partido dos Trabalhadores, o ex-metalúrgico foi derrotado por três vezes antes de conseguir a vitória. Durante o pleito de 2002, ele suavizou em parte o discurso e se beneficiou do desgaste enfrentado pela legenda do opositor, o mesmo PSDB que governava o país na época, sendo eleito com relativa tranquilidade. Lula seria reeleito como Presidente da República em 2006 e ainda faria sua sucessora seguir a mesma trajetória nos anos posteriores, demonstrando a ampla popularidade que angariou durante o período em que esteve no poder, marcado por uma aceleração no crescimento econômico, pelo fortalecimento das políticas sociais e pelo aumento do mercado de consumo interno.

Outro elemento importante a ser ressaltado na agenda de seu governo é o enfoque dado à política externa. Aproveitando-se de um momento de estabilidade interna, aumento do preço das commodities e ascensão internacional dos países emergentes, Lula promoveu mudanças na diplomacia brasileira no sentido de torná-la mais plural e autônoma. Sem se distanciar demasiadamente dos Estados Unidos e da Europa, o país passou a se aproximar de nações da África e da Ásia, além de intensificar a integração sul-americana. O Brasil também buscou se engajar mais nos grandes temas globais, se oferecendo como mediador em disputas e projetando liderança em determinadas iniciativas.

Essa postura adotada pela gestão petista em suas relações internacionais é o tema a ser abordado no presente texto, que pretende analisar a estratégia adotada na divulgação do projeto diplomático do governo Lula ao público brasileiro através do Café com o Presidente durante o seu primeiro mandato (2003-2006). Para isso, foram analisadas as 91 transcrições do programa radiofônico estatal que abrangem o período em questão, estando esses

¹ STF confirma anulação de condenações de Lula e o torna elegível para 2022. *Istoé*. 15 abr. 21. Disponível em: < <https://www.istoedinheiro.com.br/stf-confirma-anulacao-de/> >. Acesso em: 24 ago. 21.

documentos digitais disponíveis gratuitamente em formato *pdf* no site da Biblioteca da Presidência da República. Constituídas a partir de minientrevistas feitas com o estadista, as edições do Café com o Presidente geraram, cada uma delas, um arquivo com aproximadamente quatro páginas. Aliás, além da atualidade do tema, tendo em vista que a diplomacia foi alçada a tópico de debate nacional, a pesquisa procura ser relevante justamente a partir da escolha desse conjunto de fontes pouco estudado e dessa abordagem midiática.

A partir da leitura das transcrições, foi possível avançar nos objetivos inicialmente estabelecidos pelo presente estudo. O panorama geral fornecido pela análise integral das fontes permitiu entender a importância dada pela equipe de comunicação ao projeto diplomático em curso, dentre as outras pautas recorrentes, observando-se a frequência com que a política externa era abordada no programa. Já o foco nas passagens que tratavam especificamente do assunto auxiliou na compreensão do modo pelo qual o governo pretendeu divulgar sua estratégia de relações internacionais ao público interno, analisando-se quais tópicos relacionados ao tema eram citados mais ou menos reiteradamente.

Além disso, uma nova leitura mais apurada dos trechos anteriormente destacados possibilitou investigar como o Café com o Presidente tratou da matéria em questão, atentando-se para as decisões tomadas em termos de tipos de abordagens, escolhas de linguagens e justificativas apresentadas. Em suma, procurou-se, apesar das limitações inerentes à confecção de um trabalho de conclusão de curso, responder à pergunta inicialmente elencada. Dessa forma, o texto a seguir buscará explicar qual o tratamento concedido por Lula e sua equipe a seu projeto de relações internacionais no âmbito do programa de rádio supracitado, destacando-se o período que compreende o primeiro mandato do ex-presidente, momento em que essa proposta diplomática ganhou forma.

Tendo em vista o caráter relativamente recente dos eventos em questão, essa pesquisa pode ser inserida no âmbito da História do Tempo Presente (HTP), concepção historiográfica que leva em conta “la importancia del presente en la construcción del pasado, [...] la comprensión del pasado como una construcción intersubjetiva desarrollada por medio de un diálogo activo entre la historiadora y su realidad” (CRESCENTINO; VITÓN, 2020, p. 277). Perspectiva marcada por uma fronteira temporal móvel e dinâmica, é caracterizada pela contemporaneidade entre os acontecimentos e seus investigadores e ganhou força a partir da segunda metade do século XX, em meio a um movimento mais amplo de renovação historiográfica. Tal trajetória culminou na criação do Instituto de História do Tempo Presente

em 1978, em substituição ao Comitê Francês de História da Segunda Guerra Mundial estabelecido em 1951.

O centro, inicialmente dirigido por François Bédarida, “foi responsável pelas primeiras obras de referência da nova disciplina, em geral obras coletivas, com destaque para o *Bulletin de l’IHTP* e para a coleção ‘*Histoire du Temps Présent*’, publicadas a partir de 1998” (MONTEIRO, 2018, p. 515). Em pouco tempo a abordagem se espalhou por diversos países, ganhando força no Brasil a partir dos anos 1990 com a organização de centros de estudos, realização de eventos acadêmicos e lançamento de periódicos. A consolidação do campo mostra sua pertinência ao auxiliar “na formação de diagnosticadores do presente, de indivíduos capazes de estranhar sua própria sociedade e sua condição nela, [...] de tornar legível seu próprio tempo, dando aos problemas e acontecimentos presentes uma historicidade.” (SCHURSTER, 2015, p. 424).

Além da coexistência entre pesquisador e evento histórico, a História do Tempo Presente também se destaca pela possibilidade de acesso a testemunhos “vivos” e pela abundância de fontes gerada pela recente digitalização do planeta. Esse grande volume de informações, por outro lado, é apontado como um possível obstáculo caso o historiador não consiga realizar uma seleção confiável. O período curto para reflexão sobre o acontecimento ainda inacabado, um envolvimento subjetivo supostamente maior com o objeto e a “vigilância” dos atores sobre a escrita seriam outros desafios inerentes ao campo. Ao longo das décadas, porém, seus defensores aperfeiçoaram a metodologia e responderam às críticas de modo firme, consolidando a HTP:

Lo que tenemos que preguntarnos es si la independencia científica es un desafío epistemológico de la historia del tiempo presente o si se trata de un reto de la propia labor historiográfica: [...] la influencia del presente en el abordaje del objeto de estudio afecta a la historiadora en su observación sin importar a qué distancia temporal se encuentra de él. Pensamos que esta distancia temporal es en realidad una espera lo suficientemente larga como para permitir que los intereses políticos queden cristalizados en la narrativa imperante al interior del régimen de historicidad vigente. Intereses que, en el presente, aún se encuentran en proceso de cristalización, lo que permite acceder con mayor facilidad a las distintas versiones del acontecimiento que se pretende estudiar. (CRESCENTINO; VITÓN, 2020, p. 285)

Assim, levando-se em conta suas semelhanças e diferenças em relação aos demais campos, sem deixar de mencionar a importância da longa duração, constata-se que a História do Tempo Presente é “primeiramente e antes de tudo história” (BERNSTEIN; MILZA, 1999,

p. 127). Atualmente, a necessidade de reafirmação constante de sua relevância está em parte “ultrapassada, pois a produção [...] já está instalada em nossas paisagens intelectuais e historiográficas, tanto na Europa quanto alhures, e sobretudo na América Latina e aqui no Brasil” (DELACROIX, 2018, p. 41). Além do crescente reconhecimento da HTP dentro da disciplina, é possível apontá-la como “el puente para fomentar el diálogo interdisciplinar entre las Ciencias de la Comunicación —que aportan a la propia comprensión de la comunicación humana desde el presente— y la Historia” (CRESCENTINO; VITÓN, 2020, p. 282). Afinal, muitas vezes ela toma produtos midiáticos como fonte de pesquisa e

anuncia o acontecimento “do agora” como já pertencente à História e são inúmeros os exemplos: “A saída das operárias da fábrica” projetada pelo cinematógrafo de Auguste e Louis Lumière, em 1895, os discursos inflamados de Hitler, o afrontamento do jovem chinês a tanques de guerra na Praça da Paz Celestial, em 1989, a chegada do homem à Lua, em 1969, o choque dos aviões com as torres do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, as movimentações, a partir de 2010, que culminaram na Primavera Árabe ou mesmo a votação do impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, todos são acontecimentos que foram registrados já com a predestinação de serem fatos históricos e, nesse momento, vemos com maior distinção os enlaces entre a História e a Comunicação, entre o saber histórico e as mídias, a capacidade de registro do presente e seu reconhecimento e enquadramento em um contexto mais amplo da História. (MONTEIRO, 2018, p. 526)

Em um trabalho que transita nessa fronteira, parece inevitável a reflexão e “a colaboração mútua, compreendendo as inter-relações e os elos existentes entre esses dois ofícios” (MONTEIRO, 2018, p. 534). Outro diálogo que permeia esse texto envolve a HTP e as Relações Internacionais (RI), já que “no puede decirse nada sobre lo internacional que no se refiera a la historia, pues el presente ya es Historia” (PEÑAS ESTEBAN, 2018, p. 62). Para compreender as RI, “debemos siempre recurrir a la categoría de tiempo/tiempos, del devenir, del discurrir, pues nada es estable, fijo, constante, ni permanente. Todo es cambiante, móvil, contingente y coyuntural en términos históricos” (PEÑAS ESTEBAN, 2018, p. 62). Dessa forma, procurou-se entrelaçar os três campos em questão para realizar a pesquisa proposta e buscar suas respostas.

Tal análise terá início no próximo capítulo, que traçará pequena revisão bibliográfica ao mesmo tempo em que introduz as transcrições como fontes desta pesquisa. Ele servirá de base para pensar a figura política de Lula, sua agenda diplomática enquanto presidente e seu programa radiofônico, cada um destes tópicos sendo abordado por um segmento do texto. O capítulo seguinte, igualmente, se dividirá em três partes. Estas abordarão, respectivamente, a

frequência com que a política externa aparece no Café com o Presidente, quais tópicos relacionados a ela ganham maior espaço e de que modo eles são discutidos. Por fim, a conclusão retomará os objetivos e encerrará o trabalho.

2 PANORAMA

2.1 O Presidente

No dia 29 de outubro de 1945, quase dois meses após a assinatura da rendição do Japão e o fim da Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas encerrou quinze anos de governo e preparou sua viagem de retorno a São Borja depois de ceder à crescente pressão pela redemocratização do país. Dois dias antes, Eurídice Ferreira de Melo dava à luz o sétimo de seus oito filhos com Aristides Inácio da Silva². Filho de um casal de agricultores analfabetos, Luiz Inácio da Silva nasceu em Caetés, na época distrito de Garanhuns, Pernambuco. Confrontada pela pobreza e pela fome, sua família migrou na década seguinte para São Paulo, onde Lula estudou até a 5ª série. Pouco tempo depois se afastou do pai, mantendo-se próximo da genitora Dona Lindu, citada recorrentemente no *Café com o Presidente*: “eu sou filho de uma mulher que morreu aos 64 anos analfabeta e ela dizia para mim sempre o seguinte: o que um homem não pode perder é o direito de andar de cabeça erguida”³.

Trabalhando desde criança, o pernambucano se tornou torneiro mecânico alguns anos após a separação dos pais, profissão que seguiu em diversas metalúrgicas. A partir dos contatos de Frei Chico, seu irmão e militante comunista, Lula ingressou no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, onde teve ascensão meteórica. Em 1975 foi eleito presidente, cargo no qual ficou nacionalmente conhecido ao liderar mobilizações salariais que atingiram o auge no final da década. Preso por algumas semanas em 1980 em função da repressão às greves por parte da Ditadura Civil-Militar, no mesmo ano participou da fundação do Partido dos Trabalhadores. Foi pelo PT que Lula participou das Diretas Já, se elegeu como deputado constituinte e concorreu nas eleições presidenciais de 1989. Após a derrota para Fernando Collor, o pernambucano voltaria a perder nos pleitos de 1994 e 1998, em ambas as ocasiões para Fernando Henrique Cardoso.

Na quarta tentativa de alcançar o mais alto posto do Executivo Federal brasileiro, Luiz Inácio enfrentou uma vez mais o Partido da Social Democracia Brasileira, representado em 2002 por José Serra. Receoso quanto a sofrer novo revés e pressionado pelo setor financeiro, Lula assinou o texto Carta ao Povo Brasileiro, “em que se comprometia a dar continuidade às ações de política fiscal e econômica do governo anterior. O objetivo era acalmar os investidores internacionais que estavam em polvorosa diante da perspectiva de um líder

² LULA. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-inacio-da-silva> >. Acesso em: 03 set. 21.

³ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 43, 13 jun., 2005.

sindical chegar ao poder” (WENZEL, 2017, p. 29). Assim, ao suavizar o discurso e assumir a face do “Lulinha paz e amor”⁴, ele “propôs fazer um ‘grande pacto social’, unindo empresários e trabalhadores para buscar novas soluções para velhos problemas” (KOWALSKI, 2018, p. 56).

Após sua chapa com o empresário filiado ao Partido Liberal José Alencar conquistar mais de 45% dos votos válidos no primeiro turno, o petista venceu Serra com tranquilidade ao ser escolhido por três quintos dos eleitores na disputa final. Com o partidário derrotado, FHC contactou o eleito e passou a coordenar uma transição relativamente pacífica para o governo do pernambucano, que se iniciou no ano seguinte trazendo uma mescla de continuidades e rupturas em relação às políticas do antecessor: “a principal característica de Lula na Presidência, exercida a partir de 1º de janeiro de 2003, seria a conjugação do compromisso com a mudança do ponto de vista social com o compromisso da manutenção do ponto de vista econômico” (KOWALSKI, 2018, p. 59).

Em função da instabilidade provocada pelo período eleitoral⁵, o governo se preocupou em manter agenda ortodoxa no campo econômico durante os primeiros anos, pretendendo estabilizar as taxas de inflação e câmbio. Essas medidas foram acompanhadas do lançamento de programas voltados à área social, como o Luz para Todos e o Fome Zero. No final de 2003, a criação do Bolsa Família demarca de vez a intenção de Lula de atuar na redução da desigualdade social, tornando-se uma de suas grandes bandeiras. Essa ênfase fazia parte da estratégia do PT, que “buscava alinhar política social com a política econômica, sobretudo através do estímulo ao crescimento da renda e do emprego, através da expansão do mercado de consumo popular” (MEDEIROS, 2016, p. 25). Afinal, o fortalecimento da economia alcançado com o esforço inicial permitiu a posterior implementação de políticas que

produziram mudanças qualitativas e quantitativas relevantes no processo de recuperação e expansão da estrutura de financiamento do investimento e consumo. Essas podem ser sintetizadas em dois aspectos. Primeiro, a democratização do crédito, que viabilizou o acesso ao crédito à população anteriormente excluída, através do crédito consignado, microcrédito e aberturas de contas simplificadas, que

⁴ Apelido que ganhou força durante a campanha eleitoral de 2002, quando Lula moderou sua retórica e evitou confrontos diretos com os demais candidatos. Cf. "LULINHA paz e amor" fugiu dos conflitos. *Folha de São Paulo*. 27 out. 02. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41288.shtml> >. Acesso em: 03 set. 21.

⁵ Diante das sucessivas pesquisas eleitorais que apontavam o favoritismo de Lula, os agentes do mercado financeiro viveram meses de temor em relação à vitória da esquerda e à possível adoção de medidas econômicas radicais. Cf. DÓLAR comercial atinge R\$ 3,95, em mais um dia de pânico no mercado. *Infomoney*. 30 set. 02. Disponível em: < <https://www.infomoney.com.br/mercados/dolar-comercial-atinge-r-395-em-mais-um-dia-de-panico-no-mercado/> >. Acesso em: 24 ago. 21.

em conjunto com o crescimento econômico, geração de emprego e inclusão social ampliou o crédito ao consumo. Segundo, o sistema de financiamento público foi reerguido, com aumento do escopo e redução dos custos, favorecendo o financiamento de longo prazo. (RAMOS, 2017, p. 56)

Desse modo, o governo pôde complementar sua política de redistribuição baseada na transferência direta de recursos aos mais necessitados com uma agenda de estímulo ao crescimento do mercado de trabalho formal, à ampliação do acesso ao crédito, à valorização real do salário mínimo e ao avanço da capacidade industrial brasileira. Com Lula, o país consolidou o paradigma logístico, que sintetiza as ideias desenvolvimentistas e liberais ao promover “o repasse de responsabilidades do Estado empresário à sociedade. Não lhe repugna, contudo, o empreendimento estatal, conquanto este eleve seu desempenho ao nível de competitividade sistêmica global” (CERVO, 2003, p. 22). Essa retomada de concepções que remetem ao desenvolvimentismo de meados do século XX, sempre acompanhada de certo grau de ortodoxia financeira, inovou justamente ao colocar

a questão social no cerne da estratégia. As escolhas de medidas de política industrial e infraestrutura foram sempre privilegiando a redução das desigualdades no curto prazo. O resultado é que a principal transformação estrutural visível é a expansão sustentada do mercado interno, com um segmento bastante expressivo da população incluído na relação de consumo. (COSTA, 2015, p. 12-13)

A agenda de estímulos a partir da atuação estatal ganhou força com nova vitória eleitoral, Lula tendo se reelegido ao angariar novamente mais de 60% dos votos válidos na disputa com o tucano Geraldo Alckmin. Nesse período, iniciativas como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o Minha Casa, Minha Vida ganharam os holofotes, prevendo investimentos bilionários e demarcando o papel de indutor do desenvolvimento a ser desempenhado pelo poder público. Esse panorama foi estimulado ainda pela crise financeira de 2008 e a conseqüente necessidade de adoção de políticas econômicas anticíclicas, bem como pelo emprego do BNDES no fortalecimento e internacionalização de grandes empresas brasileiras. Como já citado, porém, esse compromisso com o crescimento nacional buscou se diferenciar daqueles adotados pelos antecessores do governo em questão, já que o Brasil

passou todo o século XX com mais de um terço da população vivendo abaixo da linha de pobreza e com o título de um dos países mais desiguais do mundo sem ter articulado políticas sociais estruturantes que pudessem lidar com tais mazelas. As tentativas de superar o subdesenvolvimento partiram prioritariamente da ótica da política econômica (como política cambial, na Era Vargas; promoção do

financiamento, na Ditadura Militar; liberalização comercial, nos anos 1990). (MEDEIROS, 2016, p. 21)

Apesar dos avanços, o enorme passivo histórico relativo à questão social impossibilitou que as metas de Luiz Inácio fossem plenamente atingidas. Quanto à “matriz industrial do Brasil, no fundamental, continua pertencendo ao paradigma tecnológico da 2ª Revolução Tecnológica, embora modernizada pelo uso de produtos da 3ª Revolução Tecnológica” (ANDRADE, 2013, p. 103). O próprio *boom* no preço das commodities, embora tenha provocado o aumento substancial das exportações, não favoreceu o crescimento do país na produção de alto valor agregado. No tocante à agenda política, o governo do petista enfrentou obstáculos no campo do combate à corrupção, como no caso do Mensalão⁶ em 2005. Ao fim do segundo mandato, entretanto, nenhuma dessas questões pareceu afetar Lula, que deixou o poder com aprovação recorde⁷ e conseguiu eleger sua sucessora, Dilma Rousseff (PT). Ficava demonstrada a eficácia de um discurso marcado pelo reconhecimento dos problemas e pela promessa de soluções, como veiculado no Café com o Presidente:

Quero pedir desculpa pela eloquência, que realmente eu fico indignado. Como pai de cinco filhos, fico indignado quando fico sabendo que da corrupção se extrai o dinheiro que poderia estar ajudando a desenvolver este país, a fazer mais Bolsa Família, a colocar mais gente na escola. Eu fico indignado. E quero que o povo saiba que essa indignação já foi transformada em gesto prático desde o primeiro dia de governo e vai continuar sendo.⁸

2.2 A Política Externa

No campo das relações internacionais, Lula e sua equipe procuraram modificar a maneira pela qual a atuação diplomática do Brasil vinha sendo conduzida até então ao adotar uma estratégia própria que “poderia ser batizada de ‘autonomia pela diversificação’, enfatizando a cooperação Sul-Sul para buscar maior equilíbrio com os países do Norte, [...] aumentando o protagonismo internacional do país e consolidando mudanças de programa na política externa” (VIGEVANI; CEPALUNI, 2007, p. 283). Apesar de não ter ocorrido uma ruptura radical com o programa de FHC para a área, ou mesmo com a longa tradição

⁶ Escândalo de corrupção envolvendo a compra de votos de parlamentares pelo Poder Executivo, veio à tona em meados de 2005. Cf. CONTEI a Lula do "mensalão", diz deputado. *Folha de São Paulo*. 06 jun. 05. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0606200504.htm> >. Acesso em: 03 set. 21.

⁷ POPULARIDADE de Lula bate recorde e chega a 87%, diz Ibope. *GI*. 16 dez. 10. Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html> >. Acesso em: 06 set. 21.

⁸ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 43, 13 jun., 2005.

brasileira de pragmatismo, novos elementos foram inseridos na agenda enquanto outros foram recuperados, abandonando-se a “autonomia pela participação” (VIGEVANI; CEPALUNI, 2007, p. 282) do antecessor.

Assim, ganhou espaço no esforço diplomático a busca por novas parcerias bilaterais, com foco nas nações emergentes e subdesenvolvidas, bem como o fomento à organização destes países em alianças que pudessem se fazer ouvir nos fóruns multilaterais. Sem desconsiderar as óbvias diferenças em termos de contexto global e legitimidade política, pode-se traçar um paralelo entre a agenda de Lula e aquela promovida por Jânio Quadros e João Goulart, a autônoma Política Externa Independente; bem como entre o programa do petista e o Pragmatismo Responsável do ditador Ernesto Geisel, cujas semelhanças “dizem respeito sobretudo à adoção, em ambos os momentos, de uma estratégia realista de inserção internacional, definida como um conjunto de ações voltadas primordialmente à defesa dos interesses nacionais” (TATSCH, 2011, p. 08).

Essa estratégia foi concebida em uma comunhão entre parte da burocracia diplomática brasileira e intelectuais do partido de Luiz Inácio, já que as ideias do “setor ‘soberanista’ do Itamaraty [...] vieram de encontro ao programa do PT no tocante ao desenvolvimento nacional, anti-imperialismo, democratização da governança global, relações Sul-Sul, apoio à integração latino-americana, rejeição a Alca, entre outros” (JAKOBSEN, 2016, p. 17). Assim, tiveram papel decisivo nessa elaboração nomes como o do chanceler Celso Amorim, do secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores Samuel Guimarães e do assessor especial para assuntos internacionais Marco Aurélio Garcia. Completava o quadro o próprio Lula, que se envolvia em boa parte dos assuntos e mantinha ativa agenda de diplomacia presidencial através de recorrentes viagens pelo planeta.

Outro elemento que favoreceu a adoção dessa postura foi encontrar uma conjuntura internacional “que permitiu ao Brasil adquirir superávits com o aquecimento do mercado de commodities e, politicamente, de ascender conjuntamente aos países emergentes” (ALBANUS, 2018, p. 51), assim como um cenário doméstico de estabilidade política e econômica. Esse contexto que viria a se tornar realidade alguns anos depois da posse de Lula, no entanto, não se apresentou desse modo desde o início de seu governo. Quando assumiu, o pernambucano encontrou um quadro de erosão da unipolaridade multilateral dos anos 1990 (que passaria em seguida ao unilateralismo com a invasão dos EUA ao Iraque), a crise política na Venezuela, os problemas econômicos na Argentina e a debilidade da própria situação brasileira, marcada pelo desemprego e pela instabilidade energética.

Superadas as dificuldades iniciais, o governo do PT colocou em prática suas diretrizes diplomáticas. A partir desse momento, o Brasil começou a intensificar sua relação com países emergentes como China, Rússia e África do Sul, ao mesmo tempo em que buscou aprofundar as parcerias no âmbito da América do Sul. Esse movimento, no entanto, não significou um afastamento abrupto de nações desenvolvidas, tendo em vista a manutenção de importantes iniciativas de cooperação com Estados Unidos, União Europeia e Japão, entre outros. Na realidade, Lula e sua equipe procuraram estruturar “a agenda brasileira na combinação dos eixos horizontal e vertical. [...] A política externa do século XXI transforma e atualiza o passado ao mesclar equilibradamente as dimensões Norte-Sul e Sul-Sul” (PECEQUILO, 2008, p. 136).

Além da atuação ativa junto às grandes potências consolidadas ou em ascensão, também se procurou o estabelecimento de relações com países subdesenvolvidos de regiões como África e Ásia. Nesse caso, “a atuação do presidente, além de buscar aumentar as exportações brasileiras, agia em torno da questão de angariar apoio às demandas internacionais do Brasil” (RIEDIGER, 2014, p. 35). Afinal, uma das principais bandeiras de Lula dizia respeito à reforma das instituições multilaterais objetivando regras consideradas mais justas e igualitárias, o que pode ser exemplificado pelo fortalecimento da demanda por um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU e pela atuação na formação do G20 Comercial⁹. A disposição em participar de mediações internacionais, como nos casos do acordo nuclear com o Irã e da missão de paz no Haiti (MINUSTAH), demonstraram essa postura mais assertiva e confiante, que transparecia no Café com o Presidente:

Quem estiver torcendo para o fracasso do Brasil vai quebrar a cara. Pode ficar certo que vai quebrar a cara. Não existe espaço para política menor neste país. O Brasil está tendo uma oportunidade histórica e eu quero dar a minha contribuição para que o Brasil se transforme definitivamente numa economia altamente desenvolvida.¹⁰

Com a ênfase na cooperação Sul-Sul e a tentativa de projetar o país como liderança em um mundo multipolar, o governo petista buscou reafirmar uma posição soberana e autônoma da política externa brasileira, advogando por uma nova geometria diplomática mundial e visando “à redução das assimetrias na arena internacional, procurando-se contrabalançar a posição dos países mais poderosos por meio de coalizões de países emergentes” (SILVA,

⁹ Grupo de países em desenvolvimento criado em 2003 no âmbito das negociações da OMC, objetivando fazer frente à posição das nações ricas. Diferencia-se do G20 Financeiro em termos de objetivos e composição. Cf. HISTÓRICO. Disponível em: < https://web.archive.org/web/20041023080251/http://www.g-20.mre.gov.br/history_port.asp >. Acesso em: 23 set. 21.

¹⁰ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 42, 30 mai., 2005.

2013, p. 24). Além de reforçar o *soft power* do Brasil em sua tentativa de se estabelecer como *global player*, essa diversificação de parceiros possibilitou o aumento da internacionalização das empresas nacionais a partir do apoio estatal para estimular a sua penetração em mercados pouco explorados, bem como permitiu

a suavização de sua dependência econômica dos países da Europa e dos Estados Unidos. Esta estratégia é visível [...] na aproximação brasileira com a China, de modo que ao mesmo tempo em que este país possuía um papel político importante na medida em que contrabalanceava o poder dos países do Norte desenvolvido, também oferecia ao Brasil a possibilidade de expandir sua capacidade de cooperação científico-tecnológica. (CURSINI, 2018, p. 122)

Assim, “embasado em uma economia que foi se fortalecendo ao longo dos oito anos de seu governo, uma dívida externa quitada e reservas internacionais crescentes” (RIEDIGER, 2014, p. 34), Lula se mostrou à vontade ao negociar com atores de todos os cantos do globo. No caso da América do Sul, beneficiada pela revitalização do Mercosul e pelo estabelecimento da Unasul, a sua gestão sempre declarou a prioridade com que seria tratada a integração da região, constante pauta do Café com o Presidente: “O Brasil não quer ser uma ilha de desenvolvimento cercada de países pobres ao lado. Nós queremos que todos tenham chance de crescer um pouco. O Brasil pode ajudar”¹¹. Com a ascensão ao poder de partidos de esquerda em boa parte do subcontinente, foi possível avançar no processo de aproximação com os vizinhos: “ao lado da preocupação com a unidade política, importante, na percepção brasileira, para reforçar os interesses nacionais frente aos países centrais, deu-se ênfase ao reforço dos laços econômicos e à integração física” (SILVA, 2013, p. 29).

Após a América do Sul, a “África era a segunda região considerada mais relevante para o Brasil, [...] pela importância do apoio africano para aumentar a projeção do Brasil no cenário internacional e na sua estratégia de se inserir globalmente” (KOWALSKI, 2018, p. 64). O Renascimento Africano e as fortes conexões culturais com o continente também motivaram essa aproximação, traduzida nos esforços para a realização da primeira Cúpula América do Sul - África (ASA) em 2006. O encontro seguiu a proposta já colocada em prática no ano anterior com a organização da Cúpula América do Sul - Países Árabes (ASPA), que simbolizou o interesse brasileiro em estreitar laços com outra região tradicionalmente ignorada e que, ao longo dos mandatos de Lula, passaria a ser destino de significativa parcela das exportações brasileiras. O crescimento destas, aliás, foi frequentemente exaltado no Café com o Presidente:

¹¹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 85, 08 mai., 2006.

Nós tínhamos vindo de sete anos consecutivos de déficit na nossa balança comercial, ou seja, nós comprávamos mais do que vendíamos. Somente a partir de 2002 é que nós começamos a crescer um pouco nossas vendas mais do que as nossas compras. Ora, de 2003, depois da nossa posse até hoje, nós praticamente duplicamos. Nós temos uma exportação, em 12 meses, praticamente de 104 bilhões de dólares. Nós temos um superávit, ou seja, vendemos mais do que compramos, praticamente 37 bilhões de dólares, o que é o saldo maior da história do Brasil, falando percentualmente. O nosso comércio com os países africanos aumentou 48%, o nosso comércio com o Oriente Médio aumentou acima de 50% e o nosso comércio com a América do Sul cresceu 58%.¹²

A disposição da gestão do PT nesse processo de aproximação foi manifestada ainda no primeiro ano de seu governo, quando o presidente promoveu viagem de oito dias pela região, “a primeira de um Chefe de Estado brasileiro ao Oriente Médio desde a visita, de caráter essencialmente privado, realizada em 1876, pelo Imperador Dom Pedro II” (RIEDIGER, 2014, p. 41). Outro alinhamento que ganhou destaque no período refere-se à formação do BRICS em conjunto com China, Índia, Rússia e África do Sul, aliança diplomática entre os maiores e mais populosos países emergentes em cuja construção e fortalecimento “a diplomacia brasileira engajou-se [...] com o intuito de reforçar a transição para uma ordem multipolar pautada pelo multilateralismo” (SILVA, 2013, p. 95), ambicionando algum nível de equilíbrio global em relação à influência das nações desenvolvidas.

Nesse esforço pelo aumento da projeção internacional do Brasil, teve papel importante o lançamento de iniciativas voltadas à cooperação em defesa em seu entorno estratégico, como nos casos do IBSAMAR, exercício conjunto com as Marinhas de Índia e África do Sul, e do Conselho de Defesa Sul-Americano, que procurou estabelecer “uma maior colaboração e multilateralização dos temas de segurança, condizente com a realidade e com os interesses dos países da região, além de criar maior transparência e confiança mútua em relação aos temas militares” (CARVALHO, 2018, p. 100-101). A cooperação técnica em áreas como saúde e combate à pobreza, a partir da fortalecida Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e da coordenação interministerial, também representou elemento fundamental para a ascensão do país como líder entre as nações do Sul global.

A questão social, aliás, foi alçada por Lula a tema central de sua diplomacia, que promoveu “um alinhamento estratégico entre objetivos de política social e política externa, inserindo pela primeira vez temas sociais como o combate à fome, à pobreza e à desigualdade

¹² CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 41, 16 mai., 2005.

no plano internacional” (MEDEIROS, 2016, p. 06). Desse modo, a defesa da igualdade apareceu como base tanto da política interna quanto da externa, coerência que “garantiu legitimidade à atuação externa brasileira e contribuiu para projetar sua liderança no âmbito internacional” (MEDEIROS, 2016, p. 35). A preocupação com o desenvolvimento em nível global se refletiu na própria utilização da agenda diplomática como indutora do progresso nacional,

sendo possível observar uma busca intensa do Itamaraty por cooperação com a iniciativa privada e o empresariado brasileiro, estabelecendo importantes canais de diálogo em diferentes esferas da atuação do Brasil na economia internacional. [...] tal enfoque se justifica pelos objetivos dos governos Lula em formar empresas fortes e capazes de competir em uma escala global, com apoio do Estado e auxílio financeiro de instituições como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e o Banco do Brasil. Assim, agregou-se à política externa a estratégia de internacionalização das empresas brasileiras como uma de suas prioridades. (ALBANUS, 2018, p. 48)

Porém, alguns dos principais fatores que contribuíram para o bom enfrentamento à crise financeira de 2008¹³, o aumento do intercâmbio comercial e a acumulação de reservas internacionais (e que trouxeram resultados benéficos às taxas de crescimento econômico e de emprego), como o *boom* das commodities e a valorização cambial, acabaram por impossibilitar o cumprimento da meta principal da política comercial, “a redução da vulnerabilidade externa por meio do incremento do valor agregado à pauta exportadora” (BARENHO, 2017, p. 201), que continuou muito dependente de produtos primários. Outra questão problemática que pode ser apontada no tocante à política externa da época diz respeito ao insucesso na revisão do Estatuto do Estrangeiro, lei instituída durante a Ditadura Civil-Militar e revogada apenas em 2017.

Apesar disso, o governo Lula procurou “assegurar os direitos básicos dessa população contribuindo, dessa forma, com a identidade que o Brasil projeta internacionalmente como um ator global comprometido com os direitos humanos” (LIMA, 2020, p. 45). No campo ambiental da diplomacia, a gestão petista obteve destaque com a defesa internacional dos biocombustíveis, a criação de áreas protegidas e a redução substantiva do desmatamento na Amazônia, utilizando a sustentabilidade como mais uma ferramenta de projeção do país como

¹³ CRISE em bancos dos EUA derruba bolsas em todo o mundo. *BBC*. 15 set. 08. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080915_lehman_mercadosrg>. Acesso em: 25 ago. 21.

liderança mundial. Essa atenção dada pelo Palácio do Planalto à política externa e à ampliação do ativismo brasileiro, entretanto, diminuiu em função da posse de Dilma Rousseff, “menos tendente a abordar assuntos internacionais, e pela conjuntura internacional de crise econômica, que restringiu a margem de ação externa do Brasil” (CORNETET, 2014, p. 05).

2.3 O Café

No início do século XX, o recém-inventado rádio se popularizou a partir do “uso militar para auxiliar em operações navais, transmissão de ordens do comando para tropas em campanha e de escuta do inimigo” (DEUS, 2005, p. 26). Alguns anos mais tarde, a utilização civil do aparelho se disseminou ao mesmo tempo em que ele era amplamente adotado por líderes políticos como instrumento de propaganda governamental, podendo-se citar nomes como Charles de Gaulle, Fidel Castro, Juan Perón e Francisco Franco, sem deixar de mencionar Adolf Hitler e seu ministro da comunicação, “Joseph Goebbels. [...] Sua primeira ação foi considerar o rádio prioridade absoluta na comunicação direta com o povo alemão” (DANCUR, 2009, p. 17). No Brasil, a situação não foi muito diferente, já que

aquela que é considerada por muitos a primeira experiência radiofônica no Brasil, foi marcada por um discurso político: em setembro de 1922, durante a exposição que comemorava o centenário da independência do Brasil, no Rio de Janeiro, Epitácio Pessoa tornou-se o primeiro presidente brasileiro a falar no Rádio. (FERREIRA, 2007, p. 01)

A ascensão de Getúlio Vargas ao poder, na década seguinte, consolidou a radiodifusão no país. A abolição de taxas e a liberação de veiculação de anúncios comerciais contribuiu para a profissionalização do setor, que por sua vez desempenhou papel fundamental na máquina de propaganda do governo, como no caso da criação do programa de transmissão obrigatória Hora do Brasil (mais tarde renomeado para Voz do Brasil) e do anúncio da instauração da ditadura do Estado Novo. O Movimento Constitucionalista de 1932 e a Campanha da Legalidade de 1961 foram outros episódios em que o veículo teve participação marcante. Durante “a ditadura, os militares utilizaram a censura e a suspensão de licenças como recursos para impedir que grupos contrários ao regime de exceção mantivessem controle sobre o rádio e através dele manifestassem ideias contrárias ao autoritarismo vigente” (FERREIRA, 2007, p. 02).

Na segunda metade dos anos 1980, o presidente José Sarney se espelhou nas *Fireside Chats*¹⁴ mantidas por Franklin Roosevelt durante seus mandatos na Casa Branca e lançou o seu “Conversa ao Pé do Rádio [...]”. Até o fim de seu mandato, Sarney faz desses encontros um meio para explicar e buscar o apoio da população às iniciativas de seu governo” (FERREIRA, 2007, p. 07). Já na década seguinte, FHC e sua equipe criaram o Palavra do Presidente, constituído a partir de “inserções muito curtas e ágeis, de tempo bastante reduzido. O programa não buscava apoio popular imediato a questões polêmicas [...], mas, sim, a publicidade contínua de boas iniciativas governamentais, por meio da conversa informal e amiga” (FERREIRA, 2007, p. 12).

Com a eleição e posse de Luiz Inácio, uma nova iniciativa radiofônica foi elaborada pelo governo federal. Assim, em novembro de 2003 foi ao ar a primeira das edições do Café com o Presidente, programa no qual Lula procurou “apresentar uma visão otimista dos assuntos mais polêmicos, divulgando números que comprovassem o bom desempenho nacional” (FERREIRA, 2007, p. 17). Em função do perfil do petista, buscou-se valorizar sua fala clara, espontânea e recheada de expressões populares, utilizando-se a sua conhecida oratória para falar direta e emocionalmente ao ouvinte. O formato de entrevista foi pensado para explorar a naturalidade de sua narrativa e rechaçar modelos mais formais e oficialistas, “mesmo porque a preocupação maior não era divulgar informações governamentais, e sim pautas concludentes, de interesse público” (DANCUR, 2009, p. 67). Dessa maneira, a gravação ganhava em termos de vitalidade e descontração:

A linguagem adotada no programa é bem marcante. As informações são apresentadas numa linguagem simples e direta. A presença do jornalista confere “credibilidade” aos temas, além de facilitar a edição final e atribuir um ritmo consideravelmente mais dinâmico. Este é o ambiente propício para o coloquialismo dos discursos do presidente, que usa fartamente metáforas e tom informal. (FERREIRA, 2007, p. 16)

A construção do projeto foi fruto do trabalho de diversos atores da equipe de comunicação do governo. O marqueteiro da campanha de Lula “Duda Mendonça e Eugênio Bucci, presidente da Radiobrás de 2003 até 2007, desenvolveram ideia e projeto. Assim, Duda indica o nome de Luiz Henrique Romagnoli, proprietário da Produtora Toda Onda, [...] para a produção do programa” (DANCUR, 2009, p. 66). Já os tópicos a serem abordados eram

¹⁴ As “Conversas ao pé da lareira” foram transmissões de rádio feitas por Franklin Delano Roosevelt, presidente estadunidense entre 1933 e 1945, à população de seu país. Cf. FDR presidency. Disponível em: < <https://www.fdrlibrary.org/fdr-presidency> >. Acesso em: 26 ago. 21.

definidos a partir de discussões entre a Secretaria de Comunicação da Presidência e a equipe do Café com o Presidente. Porém, “quem decidia, afinal, a pauta (qual informação deve ser levada ao ar?), um ou dois dias antes, ou às vezes até no dia de gravar o programa, era o próprio presidente da República” (DANCUR, 2009, p. 70). Afinal, ele considerava a iniciativa muito relevante, como ressaltou em mais de uma transmissão: “Eu acho que é extremamente importante que a gente faça desse programa um motivo de explicação para a sociedade brasileira das coisas que o governo está fazendo, das coisas que o governo vai fazer”¹⁵.

O Café com o Presidente teve frequência quinzenal desde sua estreia até setembro de 2005, quando passou a ter edições a cada sete dias na esteira das denúncias relacionadas ao Mensalão e do consequente desgaste político de Lula. Esse formato foi mantido até o final de seu segundo mandato, em dezembro de 2010, com suspensão das transmissões apenas durante o semestre em que ocorreram as eleições presidenciais de 2006. “Após essa definição pela equipe, a preocupação era saber qual dia da semana teria melhor repercussão. O dia da semana escolhido por Romagnoli foi segunda-feira” (DANCUR, 2009, p. 69). Nessa data, a Radiobrás divulgava através da Rádio Nacional e de site próprio o episódio para veiculação em emissoras de todo o país, facultativamente. Quanto à formatação das entrevistas, definiu-se que

o programa deveria ser de curta duração para não cansar os ouvintes e passar a mensagem na íntegra: chegou-se a seis minutos de duração. Para que houvesse maior interesse de outros meios de comunicação, deveria ser num tom de conversa, com mediação de um jornalista. O profissional escolhido para apresentar o programa foi Luiz Fara Monteiro, jornalista da Radiobrás que era de TV, mas carregava em seu currículo uma ampla experiência em rádio. (DANCUR, 2009, p. 68)

O produto elaborado pelo governo obteve resultados razoáveis, sendo transmitido em todo o país mesmo sem um caráter obrigatório: “algumas rádios com programação menos elaborada e com qualidade inferior aos padrões tecnológicos apresentavam o programa mais de uma vez ao dia, aproveitando a boa qualidade de áudio e conteúdo” (DANCUR, 2009, p. 71). Seu êxito também podia ser verificado com a frequente reverberação de suas abordagens nos demais meios de comunicação, o que foi motivado em parte pelo fato de que, “durante quase três anos de seu primeiro mandato, Lula concedeu somente uma entrevista coletiva à imprensa, com limites para participação e réplica de jornalistas” (FERREIRA, 2007, p. 16). A

¹⁵ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 50, 12 set., 2005.

própria criação do Café com a Presidenta¹⁶, que foi ao ar já no segundo mês da gestão da sucessora Dilma Rousseff, acaba por atestar o prestígio da ferramenta e o sucesso do programa de Luiz Inácio.

¹⁶ DILMA estreia programa "Café com a Presidenta" em novo formato. *GI*. 07 fev. 11. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/02/dilma-estreia-programa-cafe-com-a-presidenta-em-novo-formato.html>>. Acesso em: 26 ago. 21.

3 A POLÍTICA EXTERNA NO CAFÉ COM O PRESIDENTE

3.1 O quanto ela aparece

A utilização do rádio, assim como de outros meios de comunicação de massa, não é novidade na atividade política. Desde seu advento, o potencial que o veículo detinha para atingir grandes contingentes populacionais de forma rápida e barata não passou despercebido, no que foi seguido pela televisão e pela internet. Além disso, suas características favoreciam o exercício de projeção da imagem individual do emissor diretamente para os ouvintes, ao criar uma relação supostamente intimista e confiável. Assim, seu emprego por líderes governamentais não tardou, afinal o “pronunciamento político pressupõe a busca do convencimento e da adesão, que não se logram apenas pela razão demonstrativa, mas também – e sobretudo – pelas qualidades atribuídas à pessoa que enuncia o discurso” (TUPYNAMBÁ, 2010, p. 14). No tocante às relações internacionais,

discursos políticos também buscam apresentar o locutor como fiável, mas a projeção de sua imagem – digamos, a de um Chefe de Estado ou a de um Chanceler, em foros internacionais – deve incorporar feições adicionais, relacionadas ao comportamento e ao posicionamento de longo prazo de seu país no plano internacional. Se é verdade que, como geralmente se supõe e se preconiza, as políticas externas buscam atender a interesses permanentes ou duradouros dos Estados, o locutor daqueles discursos não pode preocupar-se apenas com sua imagem de estadista; deve, na mesma medida, assegurar a coerência e a respeitabilidade da imagem do Estado que representa, sem que isso implique conservadorismo ou imobilismo. (TUPYNAMBÁ, 2010, p. 14)

Tal exercício de construção de uma relação coesa entre a representação global do país e de seu líder pode ser exemplificado com o caso de Lula, que a partir de sua posse “se empenhou em reformular sua imagem pública no âmbito internacional. Naquele momento, foi necessário adequar à nova condição de Chefe de Estado o discurso crítico de que fora portavoz, ao longo de aproximadamente 25 anos” (TUPYNAMBÁ, 2010, p. 15). Esse esforço já se desenvolvia em âmbito interno desde o período eleitoral, quando a campanha do petista passou a explorar sua figura como a de um político que, sem abandonar sua veia combativa, poderia buscar o consenso e estimular a construção de soluções equilibradas. Com a vitória no pleito, sua equipe de comunicação intensificou esse processo, dessa vez com ênfase na imagem do pernambucano como estadista.

Assim, em novembro de 2003 o primeiro Café com o Presidente ia ao ar em todo o país, para satisfação de Lula: “Já fazia algum tempo que eu estava querendo ter um programa

de rádio que me permitisse conversar os assuntos importantes do Brasil com o povo brasileiro e esse programa vem em boa hora”¹⁷. Nessa primeira edição, vários dos fundamentos que viriam a guiar a iniciativa já podiam ser notados. A apresentação de ações do governo de maneira coloquial e simplificada, por exemplo, pode ser notada no caso da divulgação do empréstimo consignado: “Ora, então, nós resolvemos fazer uma coisa interessante, [...] um acordo para que os bancos pudessem emprestar dinheiro para os trabalhadores que estão trabalhando com carteira assinada, e esses trabalhadores dariam como garantia a folha de pagamento”¹⁸. Outro elemento central diz respeito à abordagem de experiências pessoais do próprio Lula:

Eu vou contar uma pequena história. A minha sogra é aposentada e todo ano ela pega um pouquinho de joia que ela tem, anéis, aliança e vai à Caixa Econômica penhorar porque ela sempre está precisando de um dinheirinho para fazer uma coisa ou outra, às vezes uma viagem. Daí, eu vejo o sofrimento dela. Agora, ela não vai precisar mais penhorar a sua aliancinha, o seu anel que ela herdou da avó, da bisavó. Ela agora pode ir à Caixa Econômica Federal e fazer um empréstimo.¹⁹

Essas duas estratégias pretendem estabelecer uma relação de proximidade com o ouvinte, que seria cativado pela retórica informal e intimista. Nesse sentido, a utilização de metáforas com temáticas populares também auxilia: “Tudo isso é um processo que cada pessoa que está me ouvindo sabe que é lento, [...] quando a gente dá um passo maior do que a perna, pode ter uma distensão. Veja o que aconteceu com o Ronaldinho, não pode jogar na Seleção Brasileira porque se contundiu²⁰”. Já os programas especiais, como aqueles voltados ao Dia Internacional da Mulher, ao jogo da Seleção Brasileira no Haiti²¹ ou com a presença de ministros, procuravam despertar o interesse do público ao trazer novidades. O Café com o Presidente servia ainda como espaço para que a gestão fornecesse explicações sobre medidas problemáticas, em uma tentativa de angariar simpatia a partir do reconhecimento dos erros:

o companheiro Ricardo está fazendo uma administração excepcional. Agora, de vez em quando, um bom jogador perde um pênalti, às vezes, um bom beque central marca um gol contra e nem por isso ele é ruim. O Ricardo Berzoini estava fazendo a coisa correta, do ponto de vista de combater a fraude. Nós sabemos que tem muita

¹⁷ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano I, n. 01, 17 nov., 2003.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Partida realizada em 2004 entre as seleções nacionais de futebol masculino de Brasil e Haiti, ocorreu na capital do país caribenho e ficou conhecida como “Jogo da Paz”. Cf. SELEÇÃO é ovacionada na capital do Haiti. *Folha de São Paulo*. 19 ago. 04. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1908200405.htm> >. Acesso em: 15 set. 21.

fraude na Previdência. [...] Então, na tentativa de corrigir, houve o excesso. Qual foi o excesso? Imaginar que uma pessoa de 90 anos pode se locomover com a mesma facilidade de alguém de 60, de 50 ou de 30. O Ricardo Berzoini reconheceu o erro, já pediu desculpas à sociedade brasileira e eu acho que todo grande homem não tem que ter vergonha de pedir desculpa. A desculpa enaltece o ser humano, engrandece o ser humano, quando ele reconhece que errou.²²

Acima de tudo, porém, o programa radiofônico tinha como objetivo exaltar os progressos vividos pelo Brasil durante a presidência de Lula, o que também já marcava presença em sua edição inaugural: “Todo mundo sabe como é que estava a economia do Brasil, todo mundo sabe que nestes dez meses nós controlamos a inflação, nós recuperamos a credibilidade internacional e a economia brasileira volta a crescer²³”. A preocupação com a imagem do país junto ao restante do planeta que surge nesse trecho, aliás, é uma constante na trajetória do Café com o Presidente. Afinal, dentre as 91 transcrições referentes ao primeiro mandato do petista (cuja totalidade foi analisada por esta pesquisa), 23 podem ser apontadas como relativas a edições que trataram de política externa, como temática única ou não.

Nos quatro programas que foram ao ar no final de 2003, tópicos relacionados à economia e à previdência prevaleceram, com as relações internacionais sendo abordadas em um deles. Nas 27 edições veiculadas no ano seguinte, novamente os temas de cunho econômico se destacaram, seguidos por matérias referentes à política social, emprego, saúde e diplomacia, assunto de três transmissões. Já em 2005, com a estabilização da economia e a possibilidade de maior ativismo internacional brasileiro, a política externa ganha espaço e passa a ser a pauta preferida de Lula, sendo objeto de 10 das 34 gravações. Economia e questão social permanecem em proeminência, agora dividindo os minutos com política nacional e corrupção (em função da eclosão do Mensalão), bem como com educação e obras públicas (agenda positiva em reação ao desgaste governamental).

Nas últimas 26 entrevistas estudadas, elaboradas no primeiro semestre do ano de sua reeleição, Lula salienta tópicos como energia, educação, economia e esporte. Nesse período, entretanto, mais uma vez as relações internacionais são abordadas mais frequentemente que qualquer outra temática, nove vezes. Assim, percebe-se “uma sensível ampliação da diplomacia pública durante o governo Lula da Silva, não apenas no sentido tradicional do termo, de projeção de uma dada imagem do Brasil no exterior, mas também de divulgação da política externa do país no âmbito doméstico” (FARIA, 2012, p. 337). Dessa forma, nota-se

²² CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano I, n. 01, 17 nov., 2003.

²³ Idem.

que, durante seu primeiro mandato, o petista concedeu grande espaço para a política externa no Café com o Presidente, com a temática assumindo em parte do período o posto de assunto mais destacado.

3.2 O que dela aparece

Como mencionado, tópicos relacionados às relações internacionais foram abordados em 23 das edições do Café com o Presidente veiculadas entre 2003 e 2006. Analisando-se essa amostragem, logo se verifica que uma parcela significativa dessas menções é feita na esteira de alguma das frequentes viagens de Lula a nações estrangeiras. Logo no terceiro programa que foi ao ar, por exemplo, o estadista relatou sua visita aos países árabes, destacando as relações históricas do país com a região e as possibilidades de desenvolvimento conjunto. A África, prioridade do governo petista, também foi contemplada no roteiro do pernambucano, que explicou que o “objetivo da viagem, Luiz, é fazer com que o Brasil estabeleça uma relação política, uma relação cultural, uma relação comercial mais forte com os países africanos”²⁴.

Outro deslocamento ressaltado foi aquele feito à Rússia, onde o presidente encontrou Vladimir Putin procurando “concretizar um apoio na área espacial. Os russos têm tecnologia, têm uma experiência extraordinária na questão espacial. O Brasil está começando em Alcântara e nós pretendemos fazer parcerias para utilizar os conhecimentos tecnológicos dos russos”²⁵. Foram feitas referências equilibradas entre visitas a países desenvolvidos e a nações emergentes, com menções também a viagens para China, Estados Unidos, Índia, Coreia do Sul, Japão, Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra, Chile, Argélia, Botsuana, África do Sul e Benin, onde Lula conheceu “os descendentes da família Silva, pessoas que retornaram do Brasil com o sobrenome Silva. Tem um grupo que cuida da relação com o Brasil, que cuida de guardar as memórias do Brasil, visitei um museu, foi uma coisa extremamente importante”²⁶.

A soberania brasileira, a ser reafirmada a partir da aceleração do desenvolvimento nacional, igualmente foi pauta de vários programas. No final de 2005, o mandatário exaltou a

²⁴ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 39, 18 abr., 2005.

²⁵ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 55, 17 out., 2005.

²⁶ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 72, 13 fev., 2006.

quitação de dívida junto ao FMI²⁷, que “demonstra claramente que nós temos robustez suficiente para garantir as nossas importações, ou seja, estamos ficando mais independentes, [...] estamos tomando as decisões sem ingerência do Fundo ou de qualquer outro organismo multilateral”²⁸. Antes disso, o petista já havia afirmado: “acreditamos no Brasil e vamos fazer deste país, no século XXI, a potência que a Europa virou no século XIX, e os Estados Unidos no século XX. Eu acho que este século é o século do Brasil”²⁹. Na edição veiculada na véspera do Sete de Setembro de 2004, por sua vez, Lula declarou:

Primeiro, que nós estamos comemorando o Dia da Independência num momento de muita autoestima do povo brasileiro, num momento em que a economia brasileira dá sinais de crescimento sustentável, superando as expectativas que foram feitas no começo do ano. E vamos comemorar o Dia da Independência com a certeza de que não basta ter independência constitucional, é preciso ter independência econômica, tecnológica, científica. E isso nós estamos provando com o crescimento das nossas exportações e da geração de empregos, com o crescimento da economia brasileira, que nós estamos caminhando para uma independência política, econômica e social. Isso é muito importante.³⁰

Do mesmo modo que na política interna, as questões sociais foram consideradas relevantes pelo governo petista no âmbito diplomático. Tal importância pode ser verificada ao se analisar as diversas vezes em que o tema foi abordado no Café com o Presidente. O cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU³¹, por exemplo, foi mencionado em setembro de 2005, quando Lula ressaltou a necessidade de “ajudar os países bem pobres, aqueles que não têm condições mesmo de nada, por exemplo, o Haiti, países da África, que nós temos que ajudar, alguns que são muito pobres, [...] quero mostrar ao mundo o que foi feito no Brasil para combater a fome”³². O reconhecimento das Nações Unidas à política social de sua gestão, através da concessão da Medalha Agrícola pela FAO³³, também

²⁷ GOVERNO decide quitar toda a dívida com o FMI. *Folha de São Paulo*. 14 dez. 05. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1412200502.htm> >. Acesso em: 23 set. 21.

²⁸ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 65, 26 dez., 2005.

²⁹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano II, n. 30, 13 dez., 2004.

³⁰ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano II, n. 23, 06 set., 2004.

³¹ Metas estabelecidas em 2000 pela ONU e que diziam respeito a oito temáticas a serem enfatizadas até 2015: combate à fome, educação de qualidade, igualdade entre os sexos, redução da mortalidade infantil, saúde das gestantes, combate a doenças, qualidade de vida com respeito ao meio ambiente e estabelecimento de parcerias para o desenvolvimento. Cf. OS objetivos de desenvolvimento do milênio. Disponível em: < <http://www.odmbrasil.gov.br/os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio> >. Acesso em: 20 set. 21.

³² CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 51, 19 set., 2005.

³³ LULA recebe em Roma Medalha Agrícola da FAO. *Agência Brasil*. 17 out. 05. Disponível em: < <http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/agenciabrasil/noticia/2005-10-17/lula-recebe-em-roma-medalha-agricola-da-fao> >. Acesso em: 15 set. 21.

foi destacado pelo mandatário. O auxílio ao progresso africano, por sua vez, foi defendido mais de uma vez:

O Brasil pode e deve ajudar esses países nos campos científico e tecnológico. A Embrapa pode contribuir de forma extraordinária com a agricultura africana, já que nós temos uma agricultura competitiva com qualquer país do mundo. Na questão da educação, o país pode ajudar os países africanos. A gente pode ajudar a formar enfermeiros, a formar médicos, a gente pode aumentar o número de bolsas de estudos. Nossos especialistas podem viajar mais para a África. A gente pode ajudar a combater a Aids. E eu acho que o Brasil pode convencer outros países a ajudá-los. [...] Um país sozinho não pode, mas muitos países juntos podem ajudar. Essa é a melhor forma de combater a pobreza. O papel do Brasil é ser solidário, porque eu acho que é uma dívida histórica que nós temos com a África. O Brasil pode ajudá-los, porque nós temos história junto com eles, e porque nós temos mais tecnologia, somos mais ricos, temos mais indústria, temos mais conhecimento científico. Portanto, a gente pode ajudar muito mais estes países.³⁴

A preocupação com o desenvolvimento das regiões mais pobres do planeta pautou também a agenda comercial do Itamaraty. Em diversas edições do programa, Lula abordou as negociações por um acordo internacional no âmbito da OMC, defendendo que os EUA deveriam “resolver os subsídios. A União Europeia tem o compromisso de permitir o acesso ao mercado agrícola para os países pobres, os países em desenvolvimento. E o Brasil e o G-20 têm a responsabilidade de flexibilizar o acesso a bens industriais”³⁵. Segundo ele, esse esforço deveria ser feito imediatamente “porque, se nós não fizermos isso, nós estaremos dizendo aos países mais pobres que eles vão continuar mais pobres daqui a 30 anos”³⁶. Assim, o presidente ressaltava a importância de se avançar nesse assunto, já que existem

países que dependem única e exclusivamente da sua produção agrícola. Vamos pegar países pobres da América Latina, vamos pegar países da África, se o mundo rico não abrir o seu mercado para que eles possam vender o algodão que produzem, o açúcar que produzem, o milho que produzem, essas pessoas não poderão cumprir as Metas do Milênio. Então, o Brasil está brigando muito menos em defesa do Brasil, porque o Brasil tem competitividade, tem tecnologia, o Brasil não tem medo de disputar com nenhum país do mundo, o Brasil já está garantido porque o Brasil tem competência para produzir, tem conhecimento, tem tecnologia e tem qualidade. Agora, tem países que não têm e o que eu estou percebendo é que os países ricos aprovaram as Metas do Milênio, mas estão fazendo muito pouco para dar uma ajuda

³⁴ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 39, 18 abr., 2005.

³⁵ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 86, 15 mai., 2006.

³⁶ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 75, 06 mar., 2006.

aos países pobres que precisam do estender de mão dos países ricos. Então, nós estamos brigando porque senão, meu caro, nós não vamos cumprir as Metas do Milênio.³⁷

A defesa da unidade dos países emergentes também apareceu recorrentemente no Café com o Presidente, com o petista sustentando que, em um sistema internacional globalizado “em que as grandes potências determinam as regras do jogo no mundo comercial, a unidade dos países em desenvolvimento [...] é muito importante, [...] isso está permitindo que a gente tenha uma participação mais efetiva e muito mais forte”³⁸. Essa argumentação não excluía a colaboração com as nações ricas, mas sublinhava a importância da cooperação Sul-Sul: “Ora, nós queremos ter a mais extraordinária parceria com os Estados Unidos e com esse grupo fortíssimo que é a União Europeia, mas nós precisamos ter uma forte relação com a China, com a Índia, com a Rússia, com a África do Sul, com o México”³⁹.

A relação com os países desenvolvidos e o esforço por diversificação de alianças, aliás, foram tratados em mais de um programa. Nesses momentos, o mandatário ressaltava que o objetivo não era se distanciar de EUA e União Europeia, mas sim buscar maior autonomia: “Não queremos brigar porque são dois parceiros extremamente importantes para nós. São os principais parceiros comerciais do Brasil, mas nós não queremos ficar dependentes deles. [...] Nós queremos negociar defendendo os interesses soberanos do Brasil”⁴⁰. Assim, a procura por interações mais fortes com regiões tradicionalmente esquecidas pela diplomacia brasileira sempre surgia nas edições veiculadas no período como prioridade para Lula, como na ocasião em que exaltou a realização da primeira Cúpula ASPA em maio de 2005.

Alguns meses mais tarde, a realização de outra reunião em Brasília foi saudada pelo pernambucano, que promoveu na capital federal a reunião dos chefes de Estado da Comunidade Sul-Americana de Nações (mais tarde renomeada como Unasul), cuja criação no ano anterior significara “quase que a unificação de procedimentos, da integração, da discussão do modelo de desenvolvimento, da discussão sobre as estradas, as ferrovias, as parcerias empresariais que nós queremos fazer na América do Sul”⁴¹. Tema altamente relevante para Lula, a integração do subcontinente foi abordada diversas vezes nas transmissões, com grande

³⁷ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 64, 19 dez., 2005.

³⁸ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 40, 02 mai., 2005.

³⁹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 41, 16 mai., 2005.

⁴⁰ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 40, 02 mai., 2005.

⁴¹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 52, 26 set., 2005.

foco em obras conjuntas de infraestrutura (como a Rodovia Interoceânica, construída em parceria com o Peru) e ênfase nos benefícios do processo para ambos os lados das fronteiras:

Eu acho que nós estamos vivendo um momento muito promissor na América do Sul. Nós trabalhamos para que a economia brasileira cresça, para que a gente gere emprego e gere riqueza no Brasil, mas também trabalhamos para que os outros países da América do Sul tenham oportunidade de crescimento, se tornem economias emergentes e fortes, porque aí nós vamos ter uma relação comercial muito mais forte e vamos depender menos dos dois blocos dominantes hoje no mundo, que é a União Europeia e os Estados Unidos. [...]. Nós somos países ainda com problemas, mas, se Deus quiser, nós vamos resolvendo estes problemas com muito cuidado, com muito carinho e o Brasil não abrirá mão de cumprir o seu papel nessa integração. Como maior economia, como maior população, como país de maior potencial científico e tecnológico, nós temos obrigação de estar dando condições para que esse crescimento não se dê apenas dentro do Brasil, mas para que ele se dê, sobretudo, nos países que fazem fronteira conosco.⁴²

Luiz Inácio também frisou em algumas gravações os laços que o ligavam a líderes da região, como no caso do comparecimento à posse da presidente chilena Michelle Bachelet, “uma mulher vítima do autoritarismo no Chile, foi perseguida, foi presa, teve o seu pai assassinado, e ela não tem ressentimento, [...] demonstrou na sua vida política que tem tolerância para tentar construir o futuro, ao invés de ficar apenas remoendo o passado”⁴³. Outro citado foi o boliviano Evo Morales: “Eu sou amigo do Evo há muito tempo, tenho uma relação histórica com ele e, portanto, eu estou feliz. Feliz porque a América Latina está dando uma demonstração de avanço. As pessoas mais progressistas estão sendo eleitas em todos os países”⁴⁴. Morales, aliás, protagonizou um episódio de tensão com o governo de Lula, que logo contemporizou a situação gerada pelo decreto de nacionalização dos hidrocarbonetos:

Pois bem, ao decretar a nacionalização do gás, houve toda uma polêmica, houve muito discurso, houve muitas interpretações equivocadas, às vezes afirmações equivocadas. Eu sempre acreditei que o bom acordo é aquele em que os dois, quando estão fazendo negócio, saem satisfeitos. O que eu disse ao presidente Evo Morales é que nós reconhecemos que a Bolívia é dona do seu gás e eles, bolivianos, reconhecem que o Brasil é o maior consumidor.⁴⁵

Além da questão envolvendo o gás boliviano, a pauta energética também foi tratada no Café com o Presidente através do biodiesel, combustível exaltado na época pelo mandatário

⁴² CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 40, 02 mai., 2005.

⁴³ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 77, 13 mar., 2006.

⁴⁴ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 69, 23 jan., 2006.

⁴⁵ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 86, 15 mai., 2006.

como solução para que o Brasil atingisse maior autonomia no setor. Conforme Lula, o projeto serviria também para promover o desenvolvimento internacional: “Os países ricos podem escolher um país pobre, podem financiar tecnologia, podem mandar fábrica, mandar biodiesel lá e eles comprarem o biodiesel para utilizar nos seus caminhões, nos seus ônibus, nos seus carros”⁴⁶. Para o petista, o produto contribuiria ainda na temática ambiental, já que “todo o mundo desenvolvido vai precisar utilizar ou biodiesel ou o álcool. [...] Eu acho que o planeta Terra vai agradecer ao mundo por ter criado uma alternativa menos poluente do que o óleo diesel e do que a gasolina”⁴⁷.

A defesa da sustentabilidade apareceu em outros momentos, como quando Lula reagiu ao assassinato da missionária estadunidense Dorothy Stang⁴⁸, baleada no interior do Pará, afirmando que a “floresta é um bem da humanidade, é um bem do Brasil e é uma riqueza, agora, mais do que em outro momento, com a aprovação do Protocolo de Quioto. Então, nós não vamos arredar o pé. Vamos ser firmes, vamos manter o controle”⁴⁹. Posteriormente, o presidente também sublinhou iniciativas para tornar mais limpa a matriz energética do país: “Nós estamos produzindo energia do bagaço da cana, [...] da casca do arroz. Nós estamos produzindo energia do vento, [...] fortalecendo o Proálcool porque nós achamos que o mundo caminha para o desenvolvimento de energias renováveis”⁵⁰.

O líder brasileiro ainda utilizava o programa para, em meio aos tópicos de política externa recorrentemente abordados, comentar acontecimentos específicos. Foi assim quando lamentou a morte do Papa João Paulo II, “um homem que dedicou grande parte da sua vida para enfrentar as injustiças no mundo”⁵¹, bem como quando realizou um Café com o Presidente especial conversando com os jogadores da Seleção Brasileira por ocasião do Jogo da Paz, no Haiti. A nação caribenha, aliás, também foi mencionada por Lula na ocasião em que comentou a MINUSTAH e declarou que o “Brasil vai continuar até que o governo do Haiti entenda que seja necessário as Forças de Paz continuarem. [...] Quando eles disserem: ‘não queremos mais’, nós, com a consciência tranquila, retornaremos ao Brasil com a consciência do dever cumprido”⁵².

⁴⁶ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 72, 13 fev., 2006.

⁴⁷ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 71, 06 fev., 2006.

⁴⁸ A religiosa naturalizada brasileira foi morta em fevereiro de 2005, na cidade de Anapu, em função de conflitos fundiários. Cf. MISSIONÁRIA é morta com 3 tiros no Pará. *Folha de São Paulo*. 13 fev. 05. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1302200507.htm>>. Acesso em: 20 set. 21.

⁴⁹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 35, 21 fev., 2005.

⁵⁰ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 83, 24 abr., 2006.

⁵¹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 38, 04 abr., 2005.

⁵² CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 77, 13 mar., 2006.

Pode-se ainda citar o programa em que, ao repercutir a realização da primeira Cúpula ASPA, o político pernambucano emitiu opinião sobre a questão palestina: “eu sou defensor de um Estado palestino, eu sou defensor do Estado de Israel. A existência de um não nega o outro e tive a melhor impressão do Presidente da Autoridade Palestina, [...] ele está convencido de que vão chegar a uma situação de paz”⁵³. Assim, percebe-se que Lula se sentiu à vontade para abordar os mais variados assuntos no Café com o Presidente, predominando nas edições sobre diplomacia que foram ao ar entre 2003 e 2006 pautas relacionadas com a cooperação Sul-Sul, as negociações comerciais internacionais, a integração sul-americana e o desenvolvimento social do planeta, dentre outras.

3.3 De que modo ela aparece

Durante o seu primeiro mandato, Lula utilizou repetidamente o Café com o Presidente para tecer comentários sobre questões que envolvessem as relações internacionais do país. Além de abordar grande quantidade de assuntos, cuja ampla variedade foi exposta na última seção, ele manteve vasto repertório de argumentação para defender as ações e posicionamentos adotados. Em defesa de suas frequentes viagens pelo planeta, por exemplo, o mandatário explicou que “ficar sentado numa cadeira esperando que alguém nos descubra já era. Ou nós somos ousados, corajosos, colocamos os nossos produtos embaixo do braço e saímos pelo mundo vendendo ou nós perderemos essa guerra num mundo globalizado”⁵⁴. De forma coloquial, o petista procurava ilustrar a importância de abrir mercados em outros países, como o Japão:

O Brasil estava há 28 anos tentando vender manga para o Japão. E o Japão não comprava manga, porque tinha o bicho da mosca. Quando o primeiro ministro japonês veio aqui, a primeira coisa que eu fiz foi perguntar da manga. E ofereci um prato de manga para ele. E falei: olha, eu vou descer no Japão com uma caixa de manga para vocês não botarem defeito na manga brasileira. O que aconteceu? O que aconteceu é que chegou o primeiro carregamento de manga no Japão. [...] Falei para o Celso Amorim: fale para o embaixador que se não tiver churrasqueira, fazer uma churrasqueira, porque eu quero convidar o Primeiro-Ministro para comer um churrasco, lhe oferecer uma boa picanha, uma boa costela, uma boa maminha, para

⁵³ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 41, 16 mai., 2005.

⁵⁴ Idem.

ele falar: “puxa vida! Essa carne aqui é extraordinária!” Não tem porque o Japão não comprar a carne do Brasil.⁵⁵

Assim, em diversas edições Luiz Inácio ressaltou ao público a necessidade de “garimpar os espaços para que os produtos brasileiros possam entrar nesses países, para que a gente possa fazer grande relação comercial, desenvolver a nossa indústria e gerar riqueza e empregos, aqui, no Brasil”⁵⁶. Conforme o presidente, esse sucesso no exterior geraria progresso interno, já que uma maior exportação traria “mais produção dentro do Brasil; conseqüentemente, mais empregos e mais salários e é para isso que nós estamos viajando, para dinamizar a economia brasileira, para gerar empregos, para gerar riqueza, [...] distribuir renda”⁵⁷. Nota-se, dessa maneira, uma grande preocupação em demonstrar aos ouvintes como as viagens e o aumento das vendas internacionais se traduziriam em benefícios concretos para a população, como a geração de postos de trabalho e o aumento da qualidade de vida:

O Brasil tem crescido muito as exportações. As exportações brasileiras hoje, mais de 50% das exportações, são feitas para os países em desenvolvimento, são feitas para os países da América do Sul, para os países africanos. [...] Nós vamos ter a nossa própria economia forte para gerar os empregos que nós precisamos, para fazer a distribuição de renda que nós queremos fazer. Então, isso é muito importante para a sociedade brasileira, sobretudo, para as pessoas pobres. Esses dias, eu fui pegar o avião numa fábrica lá em São Bernardo e um trabalhador correu para me abraçar e falou: “ô Lula, minha mãe mandou te avisar que ela pagava 11 reais num saquinho de arroz de cinco quilos. Hoje, ela está pagando 6 reais nesse mesmo saquinho de arroz de cinco quilos”. Ora, você quer coisa mais prazerosa para um governante do que saber que o alimento está chegando mais barato na casa das pessoas, que as pessoas estão comendo mais? Então, essa é a razão de ser de a gente fazer todo esse esforço.⁵⁸

O programa também procurava demonstrar o apoio do governo à iniciativa privada, como na visita feita ao presidente argelino, para quem Lula explicou que “não tinha nenhum sentido suspender a carne brasileira, porque o Brasil é um território muito grande. Nós temos 200 milhões de cabeças de gado. E se tem um foco de febre aftosa num local ou numa região, o governo brasileiro trata de isolar aquela região”⁵⁹. Engajar os empreendedores brasileiros diretamente nas viagens e relatar essa conjugação de esforços no rádio também fazia parte da estratégia de comunicação do petista para legitimar sua atuação, como ele fez na exposição

⁵⁵ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 40, 02 mai., 2005.

⁵⁶ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano I, n. 03, 15 dez., 2003.

⁵⁷ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano II, n. 16, 31 mai., 2004.

⁵⁸ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 50, 12 set., 2005.

⁵⁹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 72, 13 fev., 2006.

sobre a ida à China: “o Brasil pode adentrar ao mercado chinês e eu senti nos [...] chineses uma disposição extraordinária, de forma que eu penso que um dia você deveria entrevistar os empresários que participaram dessa delegação para perceber o otimismo”⁶⁰.

Além da cooperação com o setor privado, o Café com o Presidente veiculava o esforço do Itamaraty para a ampliação das parcerias com governos estrangeiros, como foi feito na sequência da viagem à Coreia do Sul e ao Japão: “Nós queremos que eles sejam nossos parceiros na construção de projetos importantes, de projetos siderúrgicos, de projetos de desenvolvimento de pesquisa”⁶¹. Com isso, a equipe de comunicação objetivava demonstrar o potencial de modernização da infraestrutura interna a partir das propostas apresentadas por Lula em outros países, como na divulgação da legislação de Parceria Público-Privada⁶² em Portugal e Itália em outubro de 2005, bem como nos encontros com empresários do Reino Unido no ano seguinte: “Nós convidamos os ingleses para serem parceiros nossos na construção de uma nova etapa do desenvolvimento brasileiro e uma nova etapa dos investimentos ingleses”⁶³.

Se a cooperação com países desenvolvidos entusiasmava Lula, o fortalecimento da relação com nações emergentes deixava o presidente ainda mais satisfeito, como no caso da China: “O balanço que eu faço é o mais positivo que um governante pode fazer de uma viagem internacional, [...] porque há interesse do governo chinês em transformar o Brasil num parceiro estratégico. [...] Essa foi a viagem mais exitosa que nós fizemos”⁶⁴. Nessa edição do programa, além de citar as possibilidades de exportação para a potência asiática de produtos como carne, açúcar e café, o petista fez questão de ressaltar a capacidade brasileira de fechar acordos em áreas como aviação, siderurgia, energia e informática. Essa preocupação do governo em divulgar a imagem de um país com indústria de alta tecnologia transpareceu em outros momentos do Café com o Presidente:

Eles precisavam saber que o Brasil não é apenas produtor de soja, ou de café, ou de milho, ou de algodão ou de açúcar ou de álcool. Não, eles precisavam saber que o Brasil produz coisas de alto valor agregado, como por exemplo na indústria

⁶⁰ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano II, n. 16, 31 mai., 2004.

⁶¹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 42, 30 mai., 2005.

⁶² Regulamentadas pela lei 11.079/04, as PPPs foram instituídas para tentar estimular o aumento da injeção de recursos privados em obras de infraestrutura. Cf. PRESIDENTE Lula sanciona lei que institui Parcerias Público-Privadas. *Infomoney*. 30 dez. 04. Disponível em: < <https://www.infomoney.com.br/mercados/presidente-lula-sanciona-lei-que-institui-parcerias-publico-privadas-2/> >. Acesso em: 23 set. 21.

⁶³ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 77, 13 mar., 2006.

⁶⁴ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano II, n. 16, 31 mai., 2004.

aeroespacial; que nós temos competitividade na área de software, que nós temos capacidade de discutir com eles a questão da biotecnologia.⁶⁵

Outra característica do discurso veiculado diz respeito à sua utilização como instrumento de resposta às contestações recebidas dentro do país. Em maio de 2005, por exemplo, Lula rebateu as críticas quanto à postura mais assertiva de sua diplomacia, afirmando que “tem um tipo de gente com a cabeça colonizada, [...] que parece que não gosta de independência, [...] que parece que acha que o Brasil só pode estar subordinado à política dos EUA ou à política da UE”⁶⁶. Já em agosto do mesmo ano, ele buscou rechaçar as posições contrárias à sua estratégia de ampliar o número de viagens pelo planeta, ressaltando os resultados positivos dessa política: “A quantidade de viagens que eu fiz em 2003 e 2004, plantando uma imagem positiva do Brasil lá fora, está dando resultado agora. É só ver o que nós batemos de recorde nas exportações no mês de julho”⁶⁷. No mês seguinte, por sua vez, o petista contestou a narrativa que acusava seu governo de distribuir o dinheiro brasileiro no exterior:

Tem muita gente que acha que nós estamos gastando o dinheiro do Brasil em outros países. Não. O que nós estamos fazendo é financiar os produtos brasileiros que vão entrar nessa obra, financiando a nossa engenharia, as nossas empresas. E o Peru financia a parte dele. A parte que o Brasil financiar, o Peru vai pagar como qualquer empréstimo feito em qualquer lugar do mundo, vai pagar juros de mercado.⁶⁸

Apesar de ser pensado prioritariamente para o público interno, o roteiro do programa radiofônico fazia questão de ressaltar a atenção do governo com o desenvolvimento de outras nações, elemento fundamental da ideia da gestão de ampliação da projeção internacional brasileira. O reiterado apelo pelo fechamento do acordo comercial no âmbito da OMC, por exemplo, procurava demonstrar a dedicação de Lula em auxiliar os “países mais pobres. Por exemplo, tem países da África que só têm o algodão para exportar. Se os Estados Unidos ficam dando subsídio para o algodão, essa pessoa não vai conseguir exportar o seu algodão”⁶⁹. Da mesma forma, o pernambucano costumava frisar o desenvolvimento conjunto quando falava da América do Sul, “porque não é possível imaginar o Brasil muito rico e toda a

⁶⁵ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 42, 30 mai., 2005.

⁶⁶ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 41, 16 mai., 2005.

⁶⁷ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 47, 08 ago., 2005.

⁶⁸ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 50, 12 set., 2005.

⁶⁹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 88, 29 mai., 2006.

América do Sul muito pobre. É necessário imaginar o Brasil rico e os outros países também ricos”⁷⁰.

No tocante ao subcontinente, aliás, o episódio relativo à nacionalização dos hidrocarbonetos pelo governo boliviano também serviu para a reafirmação dessa postura de liderança solidária do país. Afinal, além de se dirigir à população preocupada com o fornecimento e os preços do gás (“o povo brasileiro não terá nenhum problema. Quem tiver táxi a gás, vai continuar usando o seu táxi a gás. Quem tiver gás encanado no seu apartamento, vai continuar utilizando gás encanado. Nós vamos tratar de garantir que o povo brasileiro não seja prejudicado”⁷¹), Lula utilizou o Café com o Presidente para defender uma postura de respeito à decisão da Bolívia, ressaltando a soberania da nação andina ao mesmo tempo em que destacava sua precariedade econômica:

Primeiro, vamos dizer ao povo brasileiro uma coisa que o povo precisa saber: a Bolívia tomou a decisão que tomou como resultado de um plebiscito, feito ainda quando o presidente Mesa presidia a Bolívia, e 92% do povo boliviano optou pela nacionalização do gás. É importante lembrar que isso já aconteceu no Brasil, já aconteceu no Chile, já aconteceu na Argentina, já aconteceu no Iraque, já aconteceu no Irã, já aconteceu na Líbia, já aconteceu no México e já aconteceu no Peru. Todos os países querem ser donos da riqueza que está no seu subsolo e a Bolívia tem no gás a sua única riqueza. Portanto, o povo, de forma plebiscitária, escolheu nacionalizar o gás. [...] Não vamos fazer provocação, não vamos fazer retaliação a um país que é infinitamente mais pobre que o Brasil, um povo mais faminto que o povo brasileiro, então, nós estamos tratando isso com carinho.⁷²

A questão da soberania também apareceu em outros momentos no programa de Luiz Inácio, cujas falas faziam questão de sublinhar o esforço de seu governo pela consolidação da autonomia nacional. O projeto de reconstrução da indústria naval, por exemplo, motivou uma dessas declarações do presidente, que salientou que o Brasil “só será soberano se tiver uma indústria naval altamente forte. [...] quando a gente mostrar ao mundo inteiro que os navios que estão atracando nos portos internacionais são navios com bandeira brasileira, [...] vai ser muito mais motivo de orgulho para nós”⁷³. A conquista da autossuficiência do país em petróleo também entusiasmou o político, que se pronunciou: “Eu acredito que o Brasil que jogou fora a chance no século 19, o Brasil que não aproveitou a chance do século 20, o Brasil

⁷⁰ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 50, 12 set., 2005.

⁷¹ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 85, 08 mai., 2006.

⁷² Idem.

⁷³ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 54, 10 out., 2005.

não desperdiçará o século 21. Nós vamos nos transformar numa grande potência econômica”⁷⁴.

A reafirmação do orgulho nacional, portanto, era uma constante nas transmissões feitas por Lula e sua equipe, que sempre exaltavam os avanços conquistados: “Eu acho que poucas vezes na história o Brasil foi tão respeitado como ele é hoje. E não tem nada de excepcional. Apenas passando aquilo que o Brasil é de verdade”⁷⁵. Logo, observa-se que, nas transcrições analisadas do Café com o Presidente, o mandatário manteve um discurso claro e informal, voltado a justificar os esforços de seu governo no campo das relações internacionais e destacar os resultados concretos que a população colheria. O programa também foi utilizado para ressaltar a maior atuação diplomática do país e reafirmar sua busca por maior projeção global, assim como para rebater críticas internas à política adotada e sublinhar o esforço pelo fortalecimento da soberania brasileira.

⁷⁴ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 83, 24 abr., 2006.

⁷⁵ CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 40, 02 mai., 2005.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No outono de 2021, o Brasil foi eleito pela Assembleia Geral para voltar a ocupar um assento no Conselho de Segurança das Nações Unidas em 2022⁷⁶. Sua condição, novamente, será a de membro não permanente, apesar do esforço do governo Lula em favor da reforma do colegiado. Esse insucesso (temporário ou não) se junta a outros no tocante aos objetivos de sua diplomacia, que colheu também bons resultados e tem sua eficácia real discutida até os dias de hoje. Independente do veredito, entretanto, o que não se pode negar é a grande relevância atribuída à temática pela gestão da época. Tal importância pôde ser percebida nas transcrições do Café com o Presidente, cuja análise demonstrou a presença frequente do assunto como pauta do programa entre 2003 e 2006. Notou-se, inclusive, que após um primeiro período de estabilização em que os tópicos econômicos prevaleceram, a política externa se tornou a questão mais abordada.

Quanto aos temas que apareceram mais vezes nas edições do programa de rádio que trataram de relações internacionais no período, constatou-se que as viagens do presidente pelo planeta, com foco em países emergentes, e a integração da América do Sul ocuparam o maior espaço. Outros pontos repetidamente debatidos dizem respeito à união dos países subdesenvolvidos e suas demandas na OMC, às pautas vinculadas ao campo da energia e às questões sociais em nível global. Discussões sobre meio ambiente, países ricos e soberania completaram o quadro, bem como abordagens de episódios pontuais como a morte do Papa João Paulo II, a promoção do Jogo da Paz no Haiti e a organização da primeira cúpula ASPA.

Em relação ao modo pelo qual tais tópicos foram abordados por Lula no Café com o Presidente durante o primeiro mandato, foi observada uma preocupação em demonstrar de que maneira as viagens e iniciativas do governo trariam benefícios para a população em geral, o que era feito ressaltando-se o potencial de vendas e empregos a serem gerados a partir do setor externo. As relações de parceria estratégica estabelecidas com países emergentes e desenvolvidos, com maior foco nos primeiros, e o crescimento conjunto da América do Sul também se fizeram presentes na pauta regularmente. Outro aspecto destacado diz respeito à utilização do programa como espaço de resposta às críticas recebidas pela gestão e como local de reafirmação de discursos que exaltavam o valor agregado das exportações brasileiras e a soberania do país, procurando-se sempre manter uma linguagem simples e acessível.

⁷⁶ BRASIL volta a fazer parte do Conselho de Segurança da ONU após 10 anos. *GI*. 11 jun. 21. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/11/brasil-volta-a-fazer-parte-do-conselho-de-seguranca-da-onu.ghtml> >. Acesso em: 22 set. 21.

Assim, o presente trabalho buscou demonstrar que, ao planejar as edições de seu programa de rádio entre os anos de 2003 e 2006, Lula e sua equipe decidiram conceder grande espaço à política externa, dentre os demais assuntos, focando em questões como a Cooperação Sul-Sul, a integração da América do Sul e a ascensão do Brasil como relevante ator político e comercial em âmbito mundial. Nesses momentos, o Café com o Presidente transmitia as informações clara e resumidamente, procurando ressaltar os impactos positivos que tal atuação geraria para a sociedade, justificar o grande empenho do governo no setor e destacar a necessidade do país de se posicionar de forma autônoma no sistema internacional.

5 REFERÊNCIAS

5.1 Fontes

5.1.1 Transcrições do Café com o Presidente

Disponíveis em: < <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva> >. Acesso: abr./jul. 2021.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano I, n. 01, 17 nov., 2003.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano I, n. 03, 15 dez., 2003.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano II, n. 16, 31 mai., 2004.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano II, n. 23, 06 set., 2004.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano II, n. 30, 13 dez., 2004.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 35, 21 fev., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 38, 04 abr., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 39, 18 abr., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 40, 02 mai., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 41, 16 mai., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 42, 30 mai., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 43, 13 jun., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 47, 08 ago., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 50, 12 set., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 51, 19 set., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 52, 26 set., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 54, 10 out., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 55, 17 out., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 64, 19 dez., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano III, n. 65, 26 dez., 2005.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 69, 23 jan., 2006.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 71, 06 fev., 2006.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 72, 13 fev., 2006.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 75, 06 mar., 2006.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 77, 13 mar., 2006.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 83, 24 abr., 2006.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 85, 08 mai., 2006.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 86, 15 mai., 2006.

CAFÉ COM O PRESIDENTE. Brasília: Radiobrás. Ano IV, n. 88, 29 mai., 2006.

5.1.2 Outros documentos

BRASIL volta a fazer parte do Conselho de Segurança da ONU após 10 anos. *GI*. 11 jun. 21. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/11/brasil-volta-a-fazer-parte-do-conselho-de-seguranca-da-onu.ghtml> >. Acesso em: 22 set. 21.

CONTEI a Lula do "mensalão", diz deputado. *Folha de São Paulo*. 06 jun. 05. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0606200504.htm> >. Acesso em: 03 set. 21.

CRISE em bancos dos EUA derruba bolsas em todo o mundo. *BBC*. 15 set. 08. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080915_lehman_mercadosrg >. Acesso em: 25 ago. 21.

DILMA estreia programa "Café com a Presidenta" em novo formato. *GI*. 07 fev. 11. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/02/dilma-estrela-programa-cafe-com-a-presidenta-em-novo-formato.html> >. Acesso em: 26 ago. 21.

DÓLAR comercial atinge R\$ 3,95, em mais um dia de pânico no mercado. *Infomoney*. 30 set. 02. Disponível em: < <https://www.infomoney.com.br/mercados/dolar-comercial-atinge-r-395-em-mais-um-dia-de-panico-no-mercado/> >. Acesso em: 24 ago. 21.

FDR Presidency. Disponível em: < <https://www.fdrlibrary.org/fdr-presidency> >. Acesso em: 26 ago. 21.

GOVERNO decide quitar toda a dívida com o FMI. *Folha de São Paulo*. 14 dez. 05. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1412200502.htm> >. Acesso em: 23 set. 21.

HISTÓRICO. Disponível em: < https://web.archive.org/web/20041023080251/http://www.g-20.mre.gov.br/history_port.asp >. Acesso em: 23 set. 21.

LULA recebe em Roma Medalha Agrícola da FAO. *Agência Brasil*. 17 out. 05. Disponível em: < <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/agenciabrasil/noticia/2005-10-17/lula-recebe-em-roma-medalha-agricola-da-fao> >. Acesso em: 15 set. 21.

LULA. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-inacio-da-silva> >. Acesso em: 03 set. 21.

“LULINHA paz e amor” fugiu dos conflitos. *Folha de São Paulo*. 27 out. 02. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41288.shtml> >. Acesso em: 03 set. 21.

MISSIONÁRIA é morta com 3 tiros no Pará. *Folha de São Paulo*. 13 fev. 05. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1302200507.htm> >. Acesso em: 20 set. 21.

OS objetivos de desenvolvimento do milênio. Disponível em: < <http://www.odmbrasil.gov.br/os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio> >. Acesso em: 20 set. 21.

POPULARIDADE de Lula bate recorde e chega a 87%, diz Ibope. *G1*. 16 dez. 10. Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html> >. Acesso em: 06 set. 21.

PRESIDENTE Lula sanciona lei que institui Parcerias Público-Privadas. *Infomoney*. 30 dez. 04. Disponível em: < <https://www.infomoney.com.br/mercados/presidente-lula-sanciona-lei-que-institui-parcerias-publico-privadas-2/> >. Acesso em: 23 set. 21.

SELEÇÃO é ovacionada na capital do Haiti. *Folha de São Paulo*. 19 ago. 04. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1908200405.htm> >. Acesso em: 15 set. 21.

STF confirma anulação de condenações de Lula e o torna elegível para 2022. *Istoé*. 15 abr. 21. Disponível em: < <https://www.istoedinheiro.com.br/stf-confirma-anulacao-de/> >. Acesso em: 24 ago. 21.

5.2 Bibliografia

ALBANUS, Adriana P. F. *Cultura Política, política externa e congruência: uma análise sobre os governos Lula (2003-2010)*. 2018. 118f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ANDRADE, Magalí Alves de. *A desindustrialização da economia brasileira: uma análise por período de governo (1990-2010)*. 2013. 123f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BARENHO, Rodrigo Cruvinel. *Política comercial do governo Lula da Silva (2003-2010): preferências dos atores, condicionantes políticos e econômicos e desempenho*. 2017. 230f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BERNSTEIN, S.; MILZA, P. Conclusão. In: CHAVEAU, A.; TÉTART, P. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

CARVALHO, Guilherme Otávio Godinho de. *A cooperação internacional em defesa no entorno estratégico brasileiro no governo Lula da Silva: uma eficiente ferramenta para a política externa?* 2018. 139f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CERVO, Amado Luiz. Política exterior e relações internacionais do Brasil: enfoque paradigmático. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 46, n. 2, p. 5-25, jul./dez. 2003.

CORNETET, João Marcelo Conte. *As políticas externas de Lula da Silva e de Dilma Rousseff: uma análise comparativa*. 2014. 53f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

COSTA, Leila Maria Bedeschi. *Governo Lula: retorno ao desenvolvimentismo?* 2015. 200f. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CRESCENTINO, D. S.; VITÓN, G. Historia del tiempo presente: la triple frontera entre pasado, presente y futuro. Un análisis desde la historia oral y los marcos normativos. *Historia da Historiografia*, Ouro Preto, v. 13, n. 33, p. 273-308, mai./ago. 2020.

CURSINI, Caio. *A geopolítica na política externa dos dois períodos do governo Lula da Silva (2003-2010): o Brasil rumo à potência média?* 2018. 181f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

DANCUR, Eliane C. P. *Café com o presidente: o programa de radiojornalismo com o presidente Lula.* 2009. 240f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

DELACROIX, C. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39-79, jan./mar. 2018.

DEUS, Sandra de F. B. de. *O rádio como espaço de visibilidade política (Governo da Frente Popular em Porto Alegre 1989/1990).* 2005. 141f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. O Itamaraty e a Política Externa Brasileira: do insulamento à busca de coordenação dos atores governamentais e de cooperação com os agentes societários. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 311-355, jan./jun. 2012.

FERREIRA, Gisele S. N. Sarney, FHC e Lula: 22 anos de "conversas ao pé do rádio" e democracia. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo. *Rede Alfredo de Carvalho - V Congresso Nacional de História da Mídia*. São Paulo: Intercom, CIEE, Facasper, Cátedra Unesco/Methodista de Comunicação, 2007. p. 69-85.

JAKOBSEN, Kjeld Aagaard. *Análise de Política Externa Brasileira: continuidade, mudanças e rupturas no Governo Lula.* 2016. 212f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

KOWALSKI, Camila Castro. *A África na Política Externa Brasileira: uma análise dos discursos de Ernesto Geisel (1974-1979) e Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010).* 2018. 119f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

LIMA, Rafael Eduardo da Paixão. *Do outro lado da fronteira: a política para as migrações na construção da identidade internacional do Brasil.* 2020. 101f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

- MEDEIROS, Klei. *A dimensão social na inserção externa do governo Lula: desenvolvimento, diplomacia e cooperação sul-sul*. 2016. 77f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MONTEIRO, José Fernando Saroba. Tempo presente: entre os métiers do historiador e do jornalista. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 510-539, abr./jun. 2018.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. A política externa do Brasil no século XXI: os eixos combinados de cooperação horizontal e vertical. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 51, n. 2, p. 136-156, 2008.
- PEÑAS ESTEBAN, F. J. Clío y Palas Atenea: Apuntes sobre el papel constitutivo de la Historia en la Teoría de Relaciones Internacionales. *Relaciones Internacionales*, Madrid, España, n. 37, p. 59–93, 2018.
- RAMOS, Jeferson da Silva. *Bancos públicos na estratégia do desenvolvimento nacional: uma análise da atuação nos governos Lula-Dilma (2003-2015)*. 2017. 87f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- RIEDIGER, Bruna Figueiredo. *Política externa brasileira para o mundo árabe: uma análise dos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff (2003-2013)*. 2014. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- SCHURSTER, Karl. A História do Tempo Presente, o método comparativo e o debate sobre os fascismos. *Aedos*, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 423-440, jul. 2015.
- SILVA, Antouan Matheus Monteiro Pereira da. *O BRIC na Política Externa do governo Lula (2003-2010): do conceito à coalizão*. 2013. 156f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- TATSCH, Luisa Bertuol. *A política externa do governo Lula: um novo pragmatismo responsável?* 2011. 215f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- TUPYNAMBÁ, Geraldo Cordeiro. *A construção das imagens de si e do país em discursos internacionais do presidente Lula em 2003*. 2010. 172f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

VIGEVANI, Tulio; CEPALUNI, Gabriel. A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 273-335, jul./dez. 2007.

WENZEL, Fernanda Melchiors. *De FHC a Lula: a expansão das relações internacionais brasileiras a partir do Mercosul*. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.